

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE BELAS ARTES  
MESTRADO EM ARTES VISUAIS**

**ANA CAROLINA BEZERRA DE MELO**

**ARTE MODERNA DA BAHIA:  
PROCESSO HISTÓRICO-ARTÍSTICO**

SALVADOR  
2003

**ANA CAROLINA BEZERRA DE MELO  
(Aluna Especial)**

**ARTE MODERNA DA BAHIA:  
PROCESSO HISTÓRICO-ARTÍSTICO**

**Artigo apresentado ao Mestrado em Artes  
Visuais, Escola de Belas Artes,  
Universidade Federal da Bahia, para  
avaliação parcial da disciplina Artes  
Visuais da Bahia.**

Prof. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire

SALVADOR  
2003

## APRESENTAÇÃO

A modernização da Arte da Bahia não ocorreu em um único momento. Não há uma data ou um fato histórico isolado que determine o surgimento ou o nascimento da Arte Moderna da Bahia. Essa transformação ocorreu através de um processo histórico-artístico que esta pesquisa pretende apresentar, discutir e compreender.

O presente estudo, portanto, tem como objetivos apresentar, discutir e compreender o processo de modernização das artes visuais na Bahia.

Para o desenvolvimento desta abordagem foram utilizados trabalhos de outros autores sobre a temática da Arte Moderna na Bahia que serão oportunamente discutidos. Além de estudos anteriores, buscou-se, também, como fontes primárias, artigos de jornais da época e a observação de algumas obras de artes que testemunham a história da Arte Moderna na Bahia.

Antes de prosseguir, é preciso esclarecer que o conceito de moderno nas artes que será abordado neste trabalho é o de moderno como inovação, diferenciação e ruptura ao que se produzia anteriormente.

Maria Helena Ochi Flexor em seu trabalho também esclarece o conceito de modernidade utilizado. "... modernidade como contraposição ao clássico-realista. Entenda-se modernidade como etapa decorrente do movimento de construção de um novo tempo, destruidor de uma cultura já falida, que se designa como arte moderna ou modernismo na Bahia."<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> FLEXOR, Maria Helena Ochi. **A Modernidade na Bahia**. Salvador, 1994. p.1

## A BAHIA E A ARTE ANTES DA MODERNIDADE

Ao se estudar História da Arte na Bahia nas primeiras décadas do século XX, percebe-se claramente que pouca coisa mudou em relação ao século anterior. As principais instituições de ensino de arte (a Escola de Belas Arte e o Liceu de Artes e Ofícios) se baseavam em modelos europeus, principalmente de Paris, que chegaram ao Brasil com a Missão Francesa de 1816 e pregavam idéias neoclássicas.

Nos trabalhos anteriores a este sobre a arte moderna na Bahia, percebe-se uma preocupação em se comparar o momento histórico da arte baiana no início do século XX com a arte produzida no mesmo período na Europa e em São Paulo. A comparação sempre resulta em uma concepção de que a arte baiana está atrasada em relação a estes outros centros de produção artística.

Annateresa Fabris, em seu texto *Figuras do Moderno (Possível)*, diante das comparações entre a Arte Moderna da Europa e a produzida no Brasil, defende a percepção e a compreensão das diferenças dos contextos culturais que as produziram “Se a arte produzida pelo Modernismo não é moderna no sentido das vanguardas européias, é necessário compreender e não apenas apontar para tal diferença”<sup>2</sup>

A mesma compreensão das diferenças defendida por Annateresa pode ser feita em relação à Arte Moderna da Bahia já que o “atraso” é justificado pelas condições sócio-culturais da Bahia no início do século XX. “O artista e o público não podem, entretanto, receber a culpa exclusiva por esse conservadorismo. Sabe-se

---

<sup>2</sup> FABRIS, Annateresa. **Figuras do moderno possível** in SCHARTZ, Jorge (org.) DA Antropologia a Brasília: 1920-1950. São Paulo: FAAP

que toda produção estética é um reflexo do meio ambiente que a produz. A Bahia de então não possuía condições culturais e sociais para acolher novidades”<sup>3</sup>.

Portanto, se não há nenhuma mudança nas condições sócio-econômicas na Bahia do começo do século XX e nem na mentalidade da sociedade baiana que incentive e justifique transformações na arte produzida até então, não há porque se pensar que o processo de modernização da arte ocorre tardiamente. A arte moderna na Bahia se desenvolve no seu próprio tempo e com suas características peculiares acompanhando o processo de modernização da sociedade.

O público, a crítica e os artistas baianos das primeiras décadas do século XX apreciam uma arte neoclássica, romântica e realista e copiam os modelos europeus que seguem estes conceitos. Entre os artistas valorizados pela sociedade da época encontram-se, por exemplo, Presciliano Silva admirados por seus



**Figura 1- Confidência**

Presciliano Silva

Óleo Sobre Tela – 1927

Acervo do Museu de Arte da Bahia

Foto: Daniel Yokota

interiores, pela perspectiva e pela colocação dos objetos, e Robespierre de Farias, pelas suas cores. Nestes dois artistas baianos mesmo clássicos, já é possível encontrar em suas obras, se não sinais de uma modernidade, pelo menos, uma diferenciação da arte clássica. O próprio Presciliano Silva (Figura 1) ao se dedicar à pintura de interiores carregados de emoção já o diferencia das idéias clássicas e no caso de Robespierre de Farias pode-se encontrar no Museu de Arte da Bahia a obra

<sup>3</sup> COELHO. Ceres Pisani Santos. **Artes Plásticas. Movimento Moderno na Bahia**. Salvador, 1973. (Tese para Professor Assistente da EBAUFBA).

“*Vieux Paris*” (Figura 3), óleo sobre tela de 1923 com características bem diferentes da arte clássica.

A Escola de Belas Artes neste período, como forma de alimentar o gosto pela arte acadêmica européia, tinha como prática comum a realização de prêmios de viagens para o exterior (quase sempre Paris) para os alunos que mais se destacavam. Geralmente esses alunos estudavam em academias e ateliês clássicos e, ao retornar, propagavam os valores aprendidos nas academias européias. Entre os artistas desta época que ganharam prêmio de viagem estão, por exemplo, Francisco Lopes Rodrigues, Alberto Valença e Presciliano Silva.

As obras produzidas por estes artistas que viajaram ao exterior demonstram que eles não tiveram contato, ou não absorveram, a arte de vanguarda produzida na Europa da época. A experiência dos artistas baianos no exterior ainda precisa de estudos que esclareçam se os baianos não praticaram uma nova arte porque não a conheceram, ou porque sabiam que se o fizessem não seriam tão bem recebidos em sua terra de origem, quando retornassem.

## **JOSÉ GUIMARÃES: PRIMEIRO ARTISTA MODERNO**

Um artista que viajou como bolsista para o exterior, mas que teve uma trajetória diferente dos anteriores, é José Guimarães. Muitas das informações sobre este artista para este estudo foram encontradas no trabalho de Sante Scaldaferrì<sup>4</sup> que investiga o início da arte moderna e realça a importância de José Guimarães nesta história.

Sante também tem uma visão de que a arte da Bahia se torna moderna de forma progressiva e coloca a atuação do pintor José Tertuliano Guimarães como primeiro acontecimento de grande importância neste processo.

O artista venceu o concurso Anual da Escola de Belas Artes e ganhou o Prêmio Caminhoá. A herança do engenheiro Francisco Caminhoá permitiu que a Escola de Belas Artes oferecesse prêmio de viagem à Europa para os melhores alunos.<sup>5</sup>

José Guimarães foi para a Europa, em 1928, reconhecido como um artista de grande valor de acordo com o gosto local, mas ao retornar de Paris em 1931, antes do programado, este reconhecimento do público não aconteceu.

Antes de ir para Europa, José Guimarães foi discípulo de Presciliano Silva e Robespierre de Farias, que, como já foi observado anteriormente, já apontavam algumas diferenciações em relação à arte clássica da época. Talvez, pela influência destes dois mestres, José Guimarães pode ir para a Europa e absorver mais desta experiência do que os alunos que viajaram antes dele.

José Guimarães, em Paris, estudou na Academia Julian e participou do “Salon” de 1931 com o quadro premiado *“Une Rue à Douarnenez”* (Figura 4), mas, no final de 1931 ou início de 1932 precisa retornar à Bahia porque o governo deixa de lhe mandar a pensão que o sustentava na França.

Ao retornar, José Guimarães, após passar uns dias em Nazaré das Farinhas, sua cidade natal, organiza uma Exposição em maio de 1932 no prédio do jornal A Tarde. O artista esperava, a partir desta exposição, novamente ter sucesso na Bahia

---

<sup>4</sup> SCALDAFERRI, Sante. **Os primórdios da arte moderna na Bahia**; depoimentos, texto e considerações em torno de José Tertuliano Guimarães e outros artistas. Salvador: Museu de Arte Moderna da Bahia, 1998.

<sup>5</sup> LUDWIG, Selma Costa. **A Escola de Belas Artes cem anos depois**. Salvador. Centro de Estudos Baianos, 1977.

e poder se sustentar com a sua arte. Em entrevista<sup>6</sup> à Revista Seiva nº3 de 1939, José Guimarães fala sobre a sua experiência em Paris e suas expectativas frustradas no retorno à Bahia.

Ao contrário do que desejava, a Exposição de 1932 não foi bem recebida pelo público que estranhou as mudanças na sua pintura. Somente um quadro foi comprado. A crítica de arte nos jornais da época recebeu bem a exposição de José Guimarães, provavelmente por ser feita por intelectuais que tinham acesso às novas idéias de arte. Mas, o público comum não entendeu porque o artista abandonou o estilo dos seus mestres anteriores.

A Exposição de 1932 pode não ser uma exposição de arte moderna, mas, com certeza, pode ser considerado o primeiro grande acontecimento significativo de mudança nas artes plásticas da Bahia. A partir deste momento o caminho de transformação nas artes na Bahia em direção à modernidade já não pode mais ser desviado.

## **A OBRA DE JOSÉ GUIMARÃES**

Ao comparar a obra de José Guimarães com a arte produzida anteriormente a sua viagem a Paris, pode-se perceber que o artista introduz novos elementos na arte baiana.

A arte considerada de grande valor na Bahia antes de sua viagem a Paris é a de influência do neoclassicismo, do realismo e do romantismo. As cores e a luminosidade do Impressionismo também eram bem recebidas na Bahia, mas José

---

<sup>6</sup> Não encontrei um exemplar original da Revista Seiva nº3 de 1939 nos arquivos pesquisados, mas, o livro de Sante Scaldaferrri, já citado anteriormente, apresenta a transcrição desta entrevista.

Guimarães ao retornar da Europa não trouxe uma arte que se adequava ao gosto local.

Robespierre de Farias, um dos seus mestres antes da viagem a Paris, produziu obras ao gosto local como podemos observar em “*Côte Bretagne*” (Figura 2), mas já em 1923, pintou “*Vieux Paris*” (Figura 3) em que as cores e as formas são utilizadas fora dos padrões da arte local. É possível que José Guimarães tenha conhecido esta obra e que tenha possibilitado que ele absorvesse mais de sua experiência em Paris, desenvolvendo sua arte com mais liberdade.

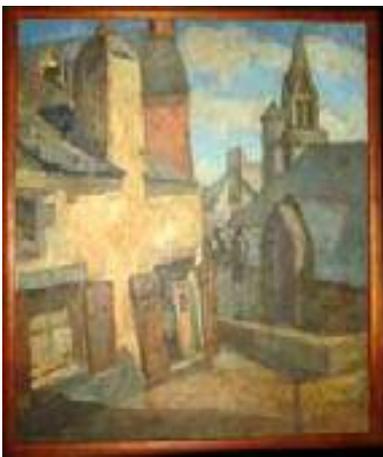
A obra de José Guimarães “*Une Rue à Douarnenez*” (Figura 4), premiada no “Salon” de 1931 se caracteriza pela simplificação da forma, não há o detalhamento dos elementos da paisagem. Esta ausência de descrição da imagem e a simplicidade do desenho são qualidades que o artista explora em suas pinturas como, por exemplo, “*Rua da Bahia*” (Figura 5). As obras de José Guimarães não agradam o gosto baiano ainda acostumado com uma arte ricas em detalhes, realismo, e descritiva.



**Figura 2- Côte Bretagne**  
Robespierre de Farias  
Óleo Sobre Tela – 1908  
Acervo do Museu de Arte  
da Bahia  
Foto: Daniel Yokota



**Figura 3 - Vieux Paris**  
Robespierre de Farias  
Óleo Sobre Tela – 1923  
Acervo do Museu de Arte da  
Bahia  
Foto: Daniel Yokota



**Figura 4 - Une rue à Douarnenez**  
José Guimarães  
Óleo sobre Tela – 1930 / 31  
Acervo Museu de Arte Moderna da Bahia  
Foto: Ana Carolina Melo



**Figura 5 - Rua da Bahia**  
José Guimarães  
Óleo sobre Madeira – 1934/ 38  
Fonte: Scaldaferrri, 1998.

Pode-se perceber também na obra de José Guimarães que há influências da arte e das idéias de Cézanne que defendia que é preciso “tratar a natureza conforme o cilindro, a esfera, o cone, o conjunto posto em perspectiva”<sup>7</sup>. Na obra “*Mulher com Franja*” (Figura 6) percebe-se claramente este tratamento geométrico no rosto da mulher de forma cilíndrica e na vulva triangular. No quadro “*Jogadores de Cartas*” (Figura 7) de Cézanne encontra-se este mesmo tratamento geométrico.



**Figura 6 – Mulher com Franja**  
José Guimarães  
Óleo sobre Tela – 1930 / 31  
Acervo Museu de Arte Moderna da  
Bahia



**Figura 7 – Jogadores de Cartas**  
Paul Cézanne  
Óleo sobre Tela – 1890-2  
Fonte: Argan, 1988

A evolução da obra de José Guimarães pode ser percebida também através de seus desenhos em que as figuras são representadas com mais simplicidade. O “*Retrato de Robespierre de Farias*” (Figura 8) feito antes de sua viagem demonstram sua capacidade de detalhamento e seu virtuosismo pelo qual era admirado. Diferentemente, em seus desenhos produzidos (Figura 9) na época em que estudava em Paris a forma fica cada vez mais simplificada.

<sup>7</sup> Apud Argan, Giulio Carlo **Arte moderna: Do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Os desenhos de José Guimarães em Paris demonstram a grande probabilidade de o artista ter conhecido a obra e as idéias de Matisse em que o desenho é drasticamente simplificado<sup>8</sup>.



**Figura 8 – Retrato de Robespierre de Farias**  
**José Guimarães**  
 Fusain sobre papel – 1926  
 Fonte: Scaldaferrri, 1998



**Figura 9 – Croquis, paisagem com barcos**  
**José Guimarães**  
 Crayon sobre papel – 1930/ 31  
 Fonte: Scaldaferrri, 1998

## **OS SALÕES DE ALA, OU A LITERATURA E A ARTE A CAMINHO DA MODERNIDADE**

O apoio dos críticos e literários à Exposição de maio de 1932 demonstra que a literatura baiana estava mais aberta às idéias de modernidade do que os que atuavam nas artes plásticas. Os Salões da ALA (Ala de Letras e Artes) e as revistas Seiva, Samba e Arco & Flexa comprovam que os intelectuais baianos já tinham idéias renovadoras.

<sup>8</sup> STANGOS, Nikos. **Conceitos fundamentais da arte moderna**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. 306 p.

Depois de sua Exposição em 1932 até 1939, ano que se muda para o Rio de Janeiro, José Guimarães faz ilustrações para a Revista Seiva. A técnica que o artista utilizava nas ilustrações do exemplar nº3 de 1939 era a xilogravura e a temática era a cultura Afro. José Guimarães novamente se mostra como um predecessor da arte moderna, pois tanto a xilogravura, quanto a temática Afro serão exploradas pelos futuros artistas modernos baianos.

Os Salões de ALA<sup>9</sup> também tiveram importância para a modernização das artes na Bahia. De 1937 a 1948, sempre na Primavera, foram realizados os Salões de ALA organizados por artistas acadêmicos e com a liderança do crítico Carlos Chiacchio. O pintor José Guimarães ficou responsável pela “Pintura Moderna”.

Maria Helena Ochi Flexor afirma que “A Carta de Ala das Letras e Artes, lida no ato de sua fundação, tem evidente influência das idéias difundidas na Semana de 22 de brasilidade e civismo”<sup>10</sup>. Esta percepção de Flexor comprova que a literatura na Bahia teve grande importância na divulgação de idéias modernistas na Bahia.

As obras expostas nos Salões de Ala, mesmo tendo uma sessão de “Pintura Moderna” sob a responsabilidade de José Guimarães, eram predominantemente obras acadêmicas, mas a existência de uma ala moderna demonstra o interesse e a aceitação dos intelectuais por uma nova arte.

Muitos artistas que posteriormente tiveram grande importância na Arte Moderna baiana participaram dos Salões de Ala: O escultor Mário Cravo Júnior, Maria Célia Amado, Genaro de Carvalho, Carlos Bastos e outros.

Neste momento histórico, final da década de trinta e início da década de quarenta, a cidade de Salvador começa a se transformar e a modernizar-se. “Salvador começara a sofrer, gradativamente, a influência dos novos meios de

---

<sup>9</sup> Sobre os Salões de ALA pode-se consultar Sante Scaldaferrri, 1998, com textos transcritos de jornais da época.

comunicação: o rádio, o cinema difundiam outras maneiras de vida e novas formas de expressão artística”.<sup>11</sup>

## **A EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA E DOS “ULTRAMODERNOS”**

A primeira Exposição de Arte Moderna na Bahia aconteceu em agosto de 1944. O artista Manuel Martins veio à Bahia a convite do escritor Jorge Amado para ilustrar seu livro “Bahia de Todos os Santos”. Nesta ocasião, o artista Manuel Martins organizou uma exposição coletiva com suas obras e as de outros oitenta artistas pertencentes a outros colecionadores.<sup>12</sup>

A mostra coletiva foi realizada nos salões da Biblioteca Pública e, entre os artistas expostos, estavam obras de Santa Rosa, Di Cavalcanti, Segal, Portinari, Goeldi, Djanira, etc. A cerimônia de abertura foi presidida pelo escritor Jorge Amado e o orador oficial foi Walter da Silveira.

Sobre a Exposição organizada por Manuel Martins o jornal A Tarde do dia 07 de agosto de 1944 publica: “O visitante, á primeira vista sente-se chocado pela pobreza ambiente a partir do pano de juta nacional que forra as galerias e da falta de molduras caríssimas que geralmente se vê. Os desenhos em exposição, na maioria, nem moldura têm.”<sup>13</sup>

Pela primeira vez a cidade de Salvador tem a oportunidade de ver a nova arte que está sendo produzida no país. E o impacto foi tanto que a reação à Exposição de Arte Moderna não se limitou a criticar a pobreza do ambiente e a ausência de

---

<sup>10</sup> FLEXOR, Op. Cit., p.4

<sup>11</sup> LUDWIG, *op cit.*, p.7

<sup>12</sup> COELHO, *op cit.*, p.11

<sup>13</sup> A EXPOSIÇÃO de Arte Moderna. **A Tarde**. Salvador: 7 de agosto de 1944

molduras. Uma exposição revanche foi realizada dois meses depois. A Exposição “Ultramoderna”.

O escritor Wilson Lins proprietário do jornal “**O Imparcial**” liderou a organização e inaugura em 14 de outubro de 1944, no Salão Azul do Palace Hotel, uma exposição revanche a de agosto. Os organizadores e os inúmeros participantes se autodenominaram “neopintores” e se reuniram em um barracão para produzirem suas obras ultramodernas.

Os jornais **Diário da Bahia** e **A Tarde** aderiram ao movimento e noticiaram a Exposição, mas nada que se compare a cobertura realizada pelo jornal “**O Imparcial**” que desde o dia 1 de outubro de 1944 publica diariamente informações, notas e entrevistas sobre os preparativos e a realização da Exposição.<sup>14</sup>

As reportagens publicadas no jornal “**O Imparcial**”, de idéias democráticas e anti-fascistas, demonstram que os responsáveis pela exposição deboche tinham conhecimento das idéias propagadas pelo movimento modernista no Brasil, mas, a reação que tiveram à Exposição de Arte Moderna demonstra que a sociedade baiana e os seus intelectuais ainda tinham fortes convicções acadêmicas e precisavam de tempo e novas experiências para aceitar a modernidade verdadeiramente.

A Exposição Revanche a as reportagens que dela foram feitas servem hoje para o pesquisador da História da Arte Moderna na Bahia como documentos preciosos que revelam como a mentalidade baiana, mesmo a dos seus intelectuais, percebia a arte moderna.

A liberdade estética propagada pelo movimento modernista brasileiro é deturpada e ridicularizada e a expressividade é confundida com ausência de sentido.

---

<sup>14</sup> Sante transcreveu em seu livro a maior parte das reportagens e notícias publicadas sobre a “Exposição Ultramoderna”.

O trecho a seguir do “O Imparcial” do dia 01 de outubro de 1944 e a imagem da “obra” (Figura 10) produzida pelos “Ultramodernos” demonstra estas deturpações:

“– Quais os postulados desta escola que os senhores se propõem lançar?”.

- ‘Modificar o que está feito, não repetir o que se for fazendo é o único programa que temos. O mais vem com o tempo. Por exemplo: - a liberdade. O senhor sabe o que é liberdade? Para muita gente é uma coisa que nos dá direito de não gostar daquilo que outros fazem, mas impede os outros de não gostarem daquilo que fazemos. Conosco acontece o contrário. Nós pintamos os nossos quadros da maneira que queremos porque as leis do país permitem que se pintem quadros de qualquer maneira. Quem não gostar dos nossos quadros podem até rasgá-los. Não será por isso que vamos ficar zangados nem deixar de pintar os novos quadros. Continuaremos pintando’.

Quando Gilberto Guimarães concluía a sua última frase, aproxima-se o autor de ‘Zaratustra me contou’.

Abordado pela reportagem Wilson Lins foi direto:

- O nosso propósito é renovar. Seja como for...[ilegível] bom ou mau o resultado. Uma das nossas maiores inovações na arte pictórica foi a abolição da tinta. Como aqui entre nós a liberdade é a mais ampola, qualquer do grupo pode pintar até a óleo. Será apenas passadismo, será ficar atrasado como Portinari, Segall ou Manoel Martins.

- Com que, então, pintam os senhores?

- Pintamos os nossos quadros com tudo: - com anilina, pixe, massa de tomate, azul de metileno, sarro de cachimbo, com tudo que produza qualquer colorido. Ao pintarmos uma natureza morta, envez de perdermos tempo copiando a natureza viva, pregamos na tela o modelo. Venha ver u’a maravilha da autoria do Lafaiete Spínola que está revelando um pintor de primeira grandeza”.<sup>15</sup>

Os artistas que se manifestaram de alguma forma insatisfeitos com o deboche dos “ultramodernos” eram chamados de reacionários<sup>16</sup>. “Em toda parte os reacionários existem. E não perdem oportunidade manifestar as suas tendências antiprogressistas. Agora mesmo assistimos a uma investida deles. Contrapõe-se às

<sup>15</sup> PINTAREMOS com pixe, massa de tomate, azul de metileno, carvão, sarro de cachimbo etc, etc. **O Imparcial**. Salvador, 01 de outubro de 1944.

<sup>16</sup> Não encontrei a identificação dos chamados “reacionários”

idéias inovadoras dos neo-pintores baianos, pregando uma absoluta submissão a certas fórmulas, que já foram novas, mas que já vão ficando velhas.”<sup>17</sup>

As reportagens sobre a Exposição Ultramoderna permanecem no clima de deboche, sempre noticiando adesões e algumas vezes apresentando as “obras”, até o dia 18 de outubro de 1944 quando a exposição é encerrada. Curiosamente, a reportagem publicada no jornal “O Imparcial” do dia 19 de outubro no espaço antes reservado as notícias dos neo-pintores tem o seguinte título:

“ATIVIDADES URBANÍSTICAS A Prefeitura empreende uma obra de verdadeira remodelação – A Bahia será uma cidade moderna – o momento é que não ajuda... A Decantada crise de habitações – E um caso na travessa Maria da Paz”

A reportagem do dia 19 de outubro fala sobre os trabalhos que a prefeitura tem feito para “modernizar e embelezar a cidade” e conclui: “A Bahia será uma cidade moderna, é o que podemos concluir”. Esta reportagem demonstra que a sociedade baiana tem o desejo de se modernizar, mas se torna contraditória em relação a forte reação feita pelos “ultramodernos” à arte moderna.

Pode-se concluir que, neste momento, para a mentalidade baiana a idéia de moderno está relacionada à idéia de belo e o deboche dos ultramodernos se explica



**Figura 10 - O Imparcial.** Salvador, 01 de outubro de 1944.  
Foto: Ana Carolina Melo  
Biblioteca Pública do Estado da Bahia

<sup>17</sup> O MOVIMENTO dos rebeldes do pincel. **O Imparcial**. Salvador, 03 de outubro de 1944.

porque, pelo menos, nas artes a beleza ainda está ligada aos valores da arte acadêmica.

Quatro anos depois, em 1948, uma nova exposição de grande importância foi realizada na Biblioteca Pública a “Exposição de Arte Contemporânea”. Organizada por Marques Rabelo e idealizada por Anísio Teixeira (Secretário da Educação e Saúde do governador Otávio Mangabeira).

A Exposição não se restringiu apenas aos quadros. Conferências, organizadas por Marques Rabelo, relacionadas ao tema arte moderna foram também realizadas na Biblioteca Pública e publicadas nos jornais. Verdadeiras aulas sobre a História da Arte Moderna, estas discussões colaboraram para que a sociedade baiana conhecesse os valores e diminuísse suas restrições à nova arte.

A Exposição de Arte Contemporânea também teve um contra-exposição, mas, dessa vez a organização, a divulgação e as adesões não tiveram a mesma proporção que a Exposição-Deboche de 1944. Possivelmente, porque os debates realizados esclareceram boa parte da população sobre as questões da arte moderna, diminuindo, assim, os preconceitos locais.

## **ENTRE O ANJO AZUL E A BIBLIOTECA PÚBLICA: A PRIMEIRA GERAÇÃO DE MODERNOS**

No mesmo ano da Exposição de Arte Moderna de Manoel Martins, Mário Cravo expôs suas esculturas no Salão ALA e também participa do Salão de Arte Americana, evento do Instituto Brasil-Estados Unidos, em que participaram, além de outros artistas acadêmicos, Carlos Bastos e Genaro de Carvalho.

Depois da coletiva de arte americana, Carlos Bastos vai para o Rio de Janeiro e em 1947 recebe um convite de Mário Cravo para viajar com ele para os Estados Unidos, contrariando o costume dos artistas anteriores a eles que, geralmente, escolhiam a Europa para estudar. Um mês antes da viagem, Mário Cravo e Carlos Bastos realizam em Salvador uma exposição coletiva na Associação Cultural Brasil-Estados Unidos. A exposição se torna um marco na história da Arte Moderna na Bahia.

O escritor Darwin Brandão da Revista do Globo, ao escrever sobre esta exposição e a de Genaro de Carvalho, já os considera como uma nova geração e que “A exposição serviu apenas para mostrar que eles estavam produzindo, que estavam trabalhando e que já havia algo de bom em arte moderna, na Bahia”. O escritor também fala sobre a reação do público a obras de Carlos Bastos “No livro de visitas, chamaram-no de louco, de indecente, de imoral. Mocinhas bonitas e matronas horrorizaram-se à entrada da exposição e saíram dali correndo, dizendo nomes, como se tivessem visto à sua frente o diabo”<sup>18</sup>.

Carlos Bastos, ao retornar a Salvador em 1949, aceita o convite do poeta Wilson Rocha para uma exposição individual na Biblioteca Pública. O artista novamente provoca polêmica reação do público com suas obras sensuais, seus aspectos do inconsciente, suas proporções inovadoras, suas cores fortes, completamente diferentes dos antigos interiores e paisagens praieiras dos artistas acadêmicos.

A obra “*Nus*” (Figura 11) demonstra que Carlos Bastos durante seus estudos no Rio de Janeiro conheceu a obra de Picasso e quis apresentar sua visão sobre a temática explorada em “*Les Femmes d’Alger (O Jovem Ouzo)*” (Figura 12), obra símbolo do

---

<sup>18</sup> BRANDÃO, Darwin. *apud* GALIMBERTI, altamir. **Trajatória** in Carlos Bastos. Rio de Janeiro, 2000

início do cubismo. Além da temática semelhante, a obra de Picasso e de Calos Bastos também se aproximam pelo aspecto erótico e o posicionamento das figuras.

A obra “*O Arlequim*” (Figura 13) de Carlos Bastos demonstra, novamente, a referência de Pablo Picasso na produção do artista baiano neste período. A figura do arlequim é, diversas vezes, explorada pelo pintor Italiano, como na obra “*Acrobata e jovem Arlequim*” (Figura 14).



**Figura 11 – Nus**  
 Carlos Bastos – 1946  
 Óleo sobre tela  
 Fonte: Bastos, 2000



**Figura 12 – Les Femmes  
 d'Avignon**  
 Pablo Picasso – 1906  
 Óleo sobre tela  
 Fonte: Argan, 1988



**Figura 13 – O Arlequim**  
 Carlos Bastos – 1949  
 Óleo sobre papelão  
 Fonte: Bastos, 2000



**Figura 14 – O acrobata e o jovem  
 arlequim**  
 Pablo Picasso – 1905  
 Óleo sobre tela  
 Fonte: <http://www.picasso.com/gallery/>  
 Acessado em 15 de outubro de 2003

Algumas obras expostas foram rasgadas por um visitante e a Igreja, através do jornal *Semana Católica*, contesta a exposição e chama seus quadros de “derivação mórbida do mais torpe sensualismo” e sua paleta de satânica.<sup>19</sup>

Mário Cravo retorna à Bahia também em 1949 e começa um movimento de renovação artística. Apresenta seus primeiros trabalhos policromáticos e não figurativos e substitui os materiais usados anteriormente por cobre, latão, aço e ferro.<sup>20</sup>

A Exposição de Carlos Bastos e a obra de Mário Cravo, ao gerarem reação e polêmica, colocam a arte baiana em uma nova função além da apreciação estética. A arte produzida por essa nova geração de artistas baianos toca o espectador de uma forma que o faz pensar e se posicionar diante da obra e do mundo.

A obra de arte para ser considerada moderna, além das mudanças de caráter formal, deve mudar também seu papel na sociedade, assim como, a função social do artista. O processo de mudança da arte baiana em moderna se completa com a formação da primeira geração de modernos liderados por Mário Cravo, Genaro de Carvalho e Carlos Bastos.

A nova geração de artistas modernos, além de algumas reações conservadoras, tinha, também, dificuldade de um local apropriado para suas exposições. Os locais utilizados eram, geralmente, a biblioteca Pública, o ACBEEUU<sup>21</sup> e o Bar Anjo Azul.

O Bar Anjo Azul (Figura 15), criado em 1949, de propriedade de José Pedreira, teve suas paredes pintadas com murais de Carlos Bastos. São os primeiros da arte muralista da Bahia. A criação do bar é acompanhada pelos

---

<sup>19</sup> EXPOSIÇÃO de alcoice. **Semana Católica**, Salvador, n.659, 13 fev. 1949 1948 citado em GALIMBERTI, Altamir. **Trajatória** in Carlos Bastos. Rio de Janeiro, 2000

<sup>20</sup> FLEXOR, *op. cit.*, p. 10

<sup>21</sup> Associação Cultural Brasil Estados Unidos.

intelectuais e noticiada nos jornais. Quando em funcionamento, era ponto de encontro entre intelectuais e artistas modernos.

Os murais de Carlos Bastos no Bar Anjo Azul deu início a uma série de outros murais encomendados aos modernos posteriormente como os da Escola Carneiro

Ribeiro pintados por Mário Cravo Júnior, Carybé, Jenner Augusto, Maria Célia Amado Calmon e Carlos Mangano. Estes murais foram encomendados tanto pelo



governo quanto por particulares e demonstra que neste período a Arte Moderna na Bahia passa a ter incentivos oficiais e que o apoio na sociedade cresceu.

**Figura 15 – Interior de O Anjo Azul**

Carlos Bastos – 1951

Óleo sobre eucatex

Fonte: Bastos, 2000

A primeira geração de artistas modernos baianos, além dos já citados, era composta também por Lygia Sampaio, Mirabeau Sampaio, João Quaglia, Raimundo de Oliveira, Antonio Rebouças.

Os primeiros modernistas, além do interesse de se atualizar com o que estava acontecendo na arte no resto do mundo, tinham a preocupação de estar sempre renovando com aspectos locais da cultura baiana, principalmente de caráter Afro.<sup>22</sup>

Os artistas estrangeiros (Caribé, Pierre Verger, Hansen Bahia, Pancetti, etc.) que se juntaram aos artistas baianos também sofreram influências da cultura local em sua arte.

<sup>22</sup> FLEXOR, *op. cit.*, p. 11

## **NOVOS ARTISTAS BAIANOS E GALERIA OXUMARÉ: A PRIMEIRA GERAÇÃO ENCONTRA SEU ESPAÇO**

No final da década de quarenta o papel da literatura apoiando a renovação da arte na Bahia novamente se torna evidente. Lançada em 1948, a Revista Cadernos da Bahia pública textos e promove debates. Em 1950 patrocina a exposição “Novos Artistas Baianos” no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Esta exposição coroa, definitivamente, a primeira geração de modernos.

O outro espaço de grande importância para os artistas modernos é a Galeria Oxumaré, atuante entre 1951 e 1961, a primeira galeria comercial de Salvador. A Oxumaré, além de local para exposição e venda de obras, se tornou, também, ponto de encontro dos artistas. “Alguns artistas chegam a morar em suas dependências: Rubem Valentim, Hansen Bahia e muitos outros”.<sup>23</sup> É na Galeria Oxumaré, também, que Genaro de Carvalho expõe seus primeiros tapetes.

## **SALÃO BAHIANO DE BELAS ARTES**

Em 1949 é criado o I Salão Bahiano de Belas Artes em comemoração ao IV Centenário da Fundação da cidade de Salvador. Já no primeiro salão se apresentam novos artistas baianos que posteriormente formariam a segunda geração de modernos como Calasans Neto, Sante Scaldaferrri, Juarez Paraíso.

O II Salão em 1950, na Galeria Oxumaré, oficializa a entrada da mulher na arte moderna baiana. No III Salão a divisão de arte moderna passa a ser mais

---

<sup>23</sup> FLEXOR, *op. cit.*, p. 18

concorrida que a divisão geral. Nos IV e V Salões a arte moderna vai ganhando mais espaço e no VI Salão os artistas se inscrevem nas duas divisões. Muitos artistas defensores do modernismo se encontram na divisão geral.

Os Salões Bahianos de Belas Artes são um verdadeiro espelho da transição final e da consolidação da arte moderna na Bahia. Os Salões mostram, em sua trajetória, que ao mesmo tempo em que a arte moderna era reconhecida e valorizada, a arte acadêmica não desapareceu radicalmente. A arte acadêmica vai, aos poucos, perdendo espaço para a arte moderna.

## **A CIDADE E ARTE MODERNA DA BAHIA**

Acompanhando as mudanças nas artes, a cidade também se moderniza. A sociedade baiana a partir do final da década de quarenta vai perdendo seus preconceitos estéticos. A mudança cultural na Bahia tem grande participação do Governo Otávio Mangabeira (1947-1951) e do Secretário da Educação e Saúde Anísio Teixeira. É nesse governo que são construídos o Centro Educacional Carneiro Ribeiro com seus murais modernos e o início do Teatro Castro Alves.

Os murais dos edifícios públicos e particulares mudam a paisagem da cidade.<sup>24</sup> As ruas comerciais se modernizam e o novo gosto muda também as vitrines das lojas, como testemunha José Valladares<sup>25</sup>. A mudança econômica e cultural na Bahia cede espaço para a arte moderna se consolidar e se desenvolver.

---

<sup>24</sup> Alguns destes murais, terrivelmente, não existem mais.

<sup>25</sup> Apud FLEXOR, *op. cit.*, p. 26

Este trabalho apresentou a trajetória da arte moderna baiana até a sua Primeira Geração. Novos acontecimentos, novos artistas e novas influências continuam esta história até os dias de hoje. A continuação deste processo deve ser tema de outros estudos que se complementem e discutam com este.

Outros estudos devem ser permanentemente feitos, pois ainda há muito que se pesquisar e se discutir sobre a Arte Moderna da Bahia. A realidade e o cotidiano dos artistas baianos que viajaram a estudo para o exterior é um exemplo de um tema que ainda não foi devidamente pesquisado. A investigação desse aspecto da história da arte baiana poderá fornecer soluções para se entender porque somente em 1932 um artista expôs publicamente obras consideradas modernas.

O estudo para este trabalho encontrou elementos na arte e nos artistas acadêmicos da Bahia que contribuíram para o surgimento e o desenvolvimento da arte moderna da Bahia. Buscou-se também as influências e referências das primeiras manifestações modernas na arte da Bahia.

O trabalho apresentado buscou discutir com os realizados anteriormente e apresentar novas reflexões. A conclusão deste estudo sobre a História da Arte Moderna da Bahia é a de que ela ocorreu de forma processual, gradativa e não-radical. A arte Moderna da Bahia se desenvolveu de acordo com as condições sociais, culturais e econômicas que seu contexto ofereceu.

Portanto, a Arte Moderna na Bahia não chegou atrasada. Surgiu e se desenvolveu de acordo com o seu contexto. O resultado deste processo não foi apenas a Arte Moderna **na** Bahia, mas sim a Arte Moderna **da** Bahia, com trajetória e características próprias.

## REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna: Do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ATIVIDADES Urbanísticas. **O Imparcial**. Salvador, 19 de outubro de 1944. CAMPANHA dos Rebeldes do pincel contra a intolerância, A. **O Imparcial**. Salvador, 05 de outubro de 1944.
- COÊLHO. Ceres Pisani Santos. **Artes Plásticas. Movimento Moderno na Bahia**. Salvador, 1973. (Tese para Professor Assistente da EBAUFBA).
- COROADA de Êxito a Exposição-Sátira. **O Imparcial**. Salvador, 15 de outubro de 1944. EXPOSIÇÃO de Arte Moderna, A. **A Tarde**. Salvador, 7 de agosto de 1944
- FABRIS, Annateresa. **Figuras do moderno possível** in SCHARTZ, Jorge (org.) *DA Antropologia a Brasília: 1920-1950*. São Paulo: FAAP
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. **A Modernidade na Bahia**. Salvador, 1994.
- GALIMBERTI, Altamir. **Trajetória** in Carlos Bastos. Rio de Janeiro, 2000
- LIBERDADE de arte, de material e de opinião. **O Imparcial**. Salvador, 06 de outubro de 1944.

- LUDWIG, Selma Costa. **A Escola de Belas Artes cem anos depois.** Salvador. Centro de Estudos Baianos, 1977.
- MODERNISMO na Bahia, O. Folheto **Sala Especial do 1º Salão MAM-BA de Artes Plásticas.** Exposição no Teatro Castro Alves, 1º de Dezembro de 1994. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994.
- MOVIMENTO dos rebeldes do pincel, O. **O Imparcial.** Salvador, 03 de outubro de 1944.
- PINTAREMOS com pixe, massa de tomate, azul de metileno, carvão, sarro de cachimbo etc, etc. **O Imparcial.** Salvador, 01 de outubro de 1944.
- PRECISAMOS Modernizar o Modernismo. **Diário da Bahia.** Salvador, 08 de outubro de 1944. Suplemento Dominical, p. 07
- SCALDAFERRI, Sante. **Os primórdios da arte moderna na Bahia; depoimentos, texto e considerações em torno de José Tetuliano Guimarães e outros artistas.** Salvador: Museu de Arte Moderna da Bahia, 1998
- STANGOS, Nikos. **Conceitos fundamentais da arte moderna.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. 306 p. il.